

VISTA
BUESA
E DE
32

REVISTA REVISTA REVISTA REVISTA REVISTA REVISTA REVISTA REVISTA REVISTA REVISTA
PORTUGUESA PORTUGUESA PORTUGUESA PORTUGUESA PORTUGUESA PORTUGUESA PORTUGUESA PORTUGUESA PORTUGUESA PORTUGUESA
XADREZ XADREZ XADREZ XADREZ XADREZ XADREZ XADREZ XADREZ XADREZ XADREZ



Um Grande
Mestre
perante uma
posição difícil?
Ou o estadista
apercebendo-se
do contributo
que o Xadrez
poderá (deverá)
dar à emancipação
das futuras
gerações do povo
português?

SUMÁRIO

-
- 50 VIAGEM AO XADREZ CUBANO
-
- 52 O XADREZ E A MULHER — A DAMA E A HISTÓRIA DA SUA ORIGEM
-
- 53 A CILADA NA ABERTURA
-
- 55 O CAVALO DEFENDE-SE
-
- 56 BEIRIADAS
-
- 56 XADREZ AO VIVO NO DIA MUNDIAL DO AMBIENTE
-
- 57 I CAMPEONATO ABERTO DA GUARDA
-
- 59 TEMAS DE ATAQUE AO ROQUE
-
- 61 PARTIDAS RECENTES
-
- 62 SECÇÃO DE CONSULTA
-
- 63 COMBINAÇÕES DIRECTAS E INDIRECTAS
-

Vamos, na sequência do último editorial, falar de Xadrez por Correspondência. Este, quanto a nós, terá necessariamente, no momento presente, de ser analisado sob dois aspectos: A modalidade em si e a sua oportunidade e valor no actual momento do xadrez mundial.

As vantagens da modalidade são apologeticamente enaltecidas no já anteriormente citado Boletim n.º 5 da Secção de Xadrez do Ginásio Clube Figueirense. Aceitando a sua opinião teríamos de aceitar o Xadrez por Correspondência como modalidade principal a que o próprio xadrez normal, sobre o tabuleiro, teria de se subordinar por menos educativo.

Razões de duas ordens levam-nos a rejeitar esta hierarquia.

No aspecto social ao xadrez por correspondência falta o contacto directo entre seres humanos. O convívio. Não só entre os dois adversários mas também entre os outros participantes de um torneio e, até, entre os assistentes que comentam e «vivem» a partida jogada. O isolamento de um gabinete nunca foi saudável para as relações humanas.

No aspecto educativo, já o dissemos anteriormente: o xadrez deve ser uma escola de decisão. Ao pensamento tem de seguir-se a acção. Em tempo limitado. Aprendendo-se, à custa de erros, a agir correctamente. Tal como a criança aprende a andar à custa de quedas.

Se não estão de acordo vejamos por absurdo: O que se pretende é, à custa de ponderação e de reflexão jogar bem xadrez?

Nada mais fácil. Em vez dos dois ou três dias que actualmente se concedem para cada lance vamos usar dois ou três anos. E, posso garantir-lhes, de uma família de xadrezistas medianos sairão autênticas obras-primas. Com a condição, claro, de ser o neto a concluir a partida iniciada pelo avôzinho.

Por último um aspecto em que o xadrez por correspondência pode ser tão alienante, embora por vício inverso, como a partida rápida: O pensamento contínuo. A dedicação permanente ao estudo da partida com prejuízo das outras actividades normais do indivíduo.

Não é anedota. Veio publicada no «Europe Echecs» a queixa de uma senhora cujo marido, enquanto jogou xadrez sobre o tabuleiro, era um marido normal. Era até um bom marido! Mas começou a jogar por correspondência e teve a peregrina ideia de instalar aos pés da cama um tabuleiro mural. Para ir analisando de noite, quando acordava. Com o decorrer dos dias e o aumento da complexidade das posições essa análise começava logo que se deitava.

Isso ainda a pobre senhora aguentou, embora tivesse de recorrer aos barbitúri-

cos. A queixa era porque ultimamente, o marido, depois de ela, tristemente, ter conseguido adormecer, a acordava com uma cotovelada e a obrigava a ir mudar as peças. Para ver se a combinação resultava. E, como isso raras vezes acontecia, *continuava a analisar depois de a ter esper-tinado!*

Claro que ninguém pode nem deve tirar ao xadrez por correspondência os seus méritos. A nossa já longa prática do jogo ensinou-nos que as duas melhores vias para se aperfeiçoar o poder de análise são a modalidade em causa e as partidas suspensas. Aquela com a vantagem de abranger toda a partida enquanto o estudo destas incide, geralmente, apenas sobre os finais.

Vamos até mais longe: Um xadrezista só será completo, só terá uma noção perfeita do jogo, depois de ter praticado, também, xadrez por correspondência. Porque o estudo teórico e consequente aperfeiçoamento técnico, no isolamento propício à concentração e sem o incentivo da competição, é árido, difícil e só acessível a alguns.

Também o contacto internacional, tão importante (e tão difícil nestes tempos de austeridade), pode ser facilitado pelo xadrez por correspondência.

Vejamos agora o segundo aspecto, a inserção do xadrez por correspondência na

(Continua na página 58)

Entre 15 de Maio e 10 de Junho joguei em Cuba o Memorial Capablanca. O Torneio envolveu 54 participantes divididos em 3 grupos — Premier, Mestres I e Mestres II.

Trata-se de uma grande manifestação xadrezística que as entidades dirigentes do xadrez neste país aproveitam para lançar novos valores e rodar outros jogadores mais experimentados.

A maioria dos cubanos intervenientes são jovens, o que dá ao Torneio uma força real superior à média Elo, dados os rápidos progressos feitos por estes jogadores entre a saída das listas e o facto de alguns com força muito apreciável serem cotados apenas com 2200 pontos.

Classifiquei-me em 6.º lugar no Grupo Mestre I (18 participantes) com 4 vitórias, 11 empates e 2 derrotas. Da 8.ª sessão à 12.ª, cinco partidas sem empatar. Nesta fase do Torneio, em que me encontrava nos primeiros lugares, tive de arriscar (dos fracos não reza a história), e perdi duas partidas, ganhando três. Nas últimas sessões, empates para segurar o lugar. Creio que com um pouco mais de rodagem internacional talvez o resultado fosse diferente. De todos os modos creio

KARPOV TRIUNFA EM LAS PALMAS O. RODRIGUEZ E MILES VENCERAM EM ARRECIFE

Prosseguindo na sua série de triunfos incontestáveis, o campeão mundial Anatolji Karpov venceu o torneio de Las Palmas, com dois pontos e meio de vantagem sobre Bent Larsen, cedendo apenas três empates nas quinze rondas realizadas. Merecem igualmente destaque as actuações do cubano R. Hernandez (que, além duma excelente classificação, teve o mérito de derrotar Larsen e o ex-campeão do mundo M. Talj) e do argentino R. Debarnot.

Classificação: 1.º A. Karpov (U.R.S.S.) — 13½ pontos; 2.º B. Larsen (Dinamarca) — 11; 3.º J. Timman (Hol.) — 10; 4.º/6.º W. Browne (E.U.A.), M. Talj (U.R.S.S.) e R. Hernandez (Cuba) — 9; 7.º/8.º A. Adorjan (Hung.) e R. Debarnot (Arg.) — 8; 9.º A. Miles (Ing.) — 7½; 10.º S. Tatai (Itália) — 6½; 11.º A. Pomar (Esp.) — 6; 12.º/15.º J. Bellón (Esp.), F. Visier (Esp.), G. Garcia (Cuba) e A. Martin (Esp.) — 5½, 16.º S. Cabrera (Esp.) — ½.

Segue-se uma das vitórias de Karpov.

TATAI — KARPOV

Inglesa

1. Cf3 c5 2. c4 Cf6 3. Cc3 d5 4. cxd5 Cxd5 5. g3 g6 6. Bg2 Bg7 7. Da4+ Cc6 8. Cg5?! e6 9. Cge4 Cb6! 10. Db5 c4 11. Ca4 0-0 12. Cxb6 axb6 13. Dxc4 e5 14. Dc2 Cd4 15. Db1 f5 16. Cc3 e4 17. d3 b5! 18. Be3 b4 19. Cd1 Tfe8 20. dxe4 fxe4 21. Bxd4 Dxd4 22. a3 Bg4 23. Dc2 Dd3!! 24. exd3 exd3+ 25. Rd2 Te2+ 26. Rxd3 Tad8+ 27. Rc4 Txc2+ 28. Rxb4 Tcd2! 29. f3 Bf8+ 30. Ra5 Bd7! 0:1

Como é habitual, realizou-se, imediatamente depois, o torneio de Arrecife, na vizinha ilha de Lanzarote, que contou com alguns dos jogadores presentes em Las Palmas. A vitória foi compartilhada pelo M. I. peruano (residente em Espanha) Orestes Rodriguez e pelo G. M. inglês Anthony Miles, que totalizaram 8 dos 11 pontos possíveis. Nos lugares imediatos classificaram-se A. Adorjan (Hung.) e W. Browne (E.U.A.), com 7½, S. Tatai (Itália), com 6½ e R. Hernandez (Cuba), com 5½.

O. Rodriguez, que já jogou em Portugal, no torneio do Algarve (1975), alcançou o título de grande-mestre.

OXADREZ CUBANO

por Fernando Silva

que estive bem (subi 5 pontos no Elo!)

Registo o facto de se terem concretizado várias normas, sendo de salientar a segunda norma de Grande Mestre de Amador Rodriguez, que passa a ser o GM mais jovem do planeta (20 anos!) e o terceiro jogador cubano a obter o referido título, justificando o «Che» quando dizia: «E Cuba terá Grandes-Mestres e será obra da Revolução».

E nós? quando teremos Grandes-Mestres?

Grupo Premier: 1.º O. Romanischin (URSS), 2.º G. Garcia (Cuba) — 13½; 3.º U. Andersson (Suécia) — 12; 4.º A. Rodriguez (Cuba) — 12; 5.º E. Ermenkov (Bulg.), 6.º I. Dorfman (URSS) — 11; 7.º I. Farago (Hung.) — 10½; 8.º J. Lechtinsky (Chec.) — 10 até 18 concorrentes

Grupo Mestres I: 1.º M. Sisniega (Méx.) — 13; 2.º J. Nogueira (Cuba), 3.º J. Armas (Cuba) — 12; 4.º J. Boudy (Cuba) — 10½; 5.º R. G. Wade (Ingl.) — 10; 6.º F. Silva (Port.), 7.º A. Barreras (Cuba) — 9½ até 18 concorrentes.

Grupo Mestres II: 1.º J. A. Gutierrez (Col.), 2.º L. Bueno (Cuba) — 11½.

F. SILVA - M. CARRION (Dominicanas)
Siciliana

1. e4 c5 2. Cf3 d6 3. d4 Cf6 4. Cc3 cxd4 5. Cxd4 a6 6. Be3!

Um lance recente. A ideia é evitar as linhas mais analisadas pela teoria: 6. Bg5, 6. Bc4, 6. f4, 6. Be2.

6... e5 7. Cf3 Dc7 8. Bg5 Cbd7 9. a4 Be7 10. Cd2 b6

Parece melhor 10... h6 11. Bh4 g5?! 12. Bg3 Cf8 seguido de Cg6 com jogo pouco claro.

11. Bc4

Prosseguindo a ideia iniciada com 7. Cf3 e 10. Cd2.

11... Bb7 12. De2 0-0 13. 0-0 h6 14. Bh4 Tfe8.

Ameaça 15... Cxe4 16. Bxe7 Cxc3 etc.

15. Tad1 Dc5

Não era possível 15... Cxe4 16. Cdx4 Bxh4 17. Cxd6 etc.

16. Rh1

Para jogar f3 e Bf2.

16... Db4?! 17. Bb3 Tac8 18. f3 Dc5

Se 18... Cc5 19. Ca2 ganha a dama. 19. Cc4 d5?

Perde material, mas a ameaça era Ce3 controlando tudo! 19... b5 também não servia por 20. Bf2.

20. exd5 Cxd5 21. Bxe7 Txe7 22. Cxd5 Bxd5 23. Txd5

A chavel! As pretas libertam-se, mas perdem um peão.

23... Dxd5 24. Cxb6 Dc6 25. Cxc8 Dxc8 26. a5!

Fixando o ponto a6 em branca onde poderá ser alvejado pelo bispo.

26... Cc5 27. Bc4 Db7 28. c3 e4 29. b4 exf3 30. Dxf3 Ce4

Trocar as damas dá origem a um final elementar ganho para as brancas. O lance jogado mantém uma certa tensão mas permite uma combinação incrível.

31. b5!! axb5 32. Dxf7+!

A ideia é trocar tudo em f7 e o Pa5 promove ante a inoperância do cavalo. 32. Bxf7+ não resulta por 32... Rh8 33. Bg6 Cf6, e efectuar a combinação sem o lance prévio 31. b5 também não ganha pois, no final, a b5 as pretas respondem Cc5, com súbito volte face.

32... Txf7

Se 32... Rh7 33. Dg8+ Rg6 34. Bf7+ etc.

33. Txf7

Recuperando a dama em todas as variantes graças ao xeque a descoberto. Se 33... Dxf7 34. Bxf7+ Rxf7 35. a6 e o cavalo não apanha o peão.

33... Cf2+ 34. Rg1! 1:0

Uma das combinações mais curiosas da minha carreira!

J. A. HEDMAN (Cuba) - A. RODRIGUEZ (Cuba)
Siciliana

1. e4 c5 2. Cf3 d6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cf6 5. Cc3 a6 6. a4

Mais vulgares são 6. Bg5, 6. Bc4 6. Be2, 6. f4. O lance do texto tem a vantagem de impedir b5 e o inconveniente de debilitar b4.

6... Cc6 7. Be2 e6 8. 0-0 Be7 9. Rh1 0-0 10. f4 Dc7 11. Cb3 b6

Evitando a5 seguido de Be3 Ca4 e Cb6.

12. Bf3 Tb8 13. De2 Te8 14. Be3 Ca5! 15. Cxa5 bxa5

Os peões dobrados na coluna a só aparentemente são débeis. Além de controlarem pontos importantes, permitem forte iniciativa sobre b2 e c2 cuja defesa se torna difícil.

16. Tb1 Tb4 17. Dd3 Bb7 18. Bd2 Tc8 19. Tfe1 e5 20. f5

Não resolvia 20. fxe5 dxe5 21. Cd5 Bxd5 22. Bxb4 Bc4.

20... h6

Impedindo Bg5 controla-se d5.

21. De2

Parece-me melhor 21. Te2 seguido de Be1.

21... Tc4 22. Df2 Db8! 23. Te2 Ba8 Ameaça Txc3.

24. De1 Bb8! 25. b3 Tc5 26. Tc1

As brancas jogam sem plano uma posição já difícil de sustentar.

26... Bb6 27. Te3 T5c7 28. Td3 Bd4

Concretizando excelente estratégia Rodriguez deve ganhar finalmente material. Se as brancas *passam* Tc5 seguido de Dc7 resolve a questão.



29. Ce2 Bb2 30. Bxa5 Bxc1 31. Bxc7 Dxc7 32. Dxc1

Se 32. Cxc1 Dxc2 33. Td1 Cxe4

32... Cxe4 33. Bxe4

Era melhor 33. Te3.

33... Bxe4 34. Tg3 Bxf5 35. Dxb6 Bg6 36. Dh4 Dxc2 37. Th3 f6 38. Dg4??

Típico erro final em posição perdida.

38... Dd1+ 1:0

I. DORFMAN (URSS) - O. ROMANICHIN (URSS)
Pirc

Esta partida tem uma história curiosa. Dorfman teve um início fulgurante: ao cabo de nove sessões liderava o torneio com 7 vitórias e 2 empates; bastava-lhe empatar as oito partidas restantes para obter uma norma de GM. Empatou 6 (algumas com adversários pouco cotados) e nas duas últimas restava-lhe Romanichin e Farago.

Romanichin tinha de jogar a ganhar no sentido de alcançar G. Garcia, que tinha meio ponto de vantagem. Dorfman estava nervoso e foi o que se vai ver!

1. Cf3 g6 2. e4 Bg7 3. d4 d6 4. Cc3 Bg4 5. Be3 Cc6

As pretas evitam as linhas mais usuais tratando a abertura de forma original. A ideia é jogar e5 e se 7. d5 Ce7, jogando f5 antes de Cf6, ganhando alguns tempos em relação às posições normais.

6. d5?!

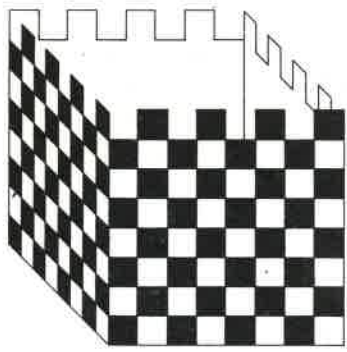
Mais seguro é 6. Be2 (o empate chega).

6... Ce5 7. Be2 Cxf3+ 8. gxf3 Bh5 9. Bb5+ Rf8 10. 0-0 e6 11. dxe6 fxe6 12. Be2 Dh4 13. Rh1???

A via mais rápida para levar mate!! 13... Bxf3+! 0:1

Depois de 14. Bxf3 Be5 seguido de Dxb2++.

É incrível como Dorfman, brilhante 5.º classificado no último campeonato soviético diante de alguns *monstros sagrados* (Geller, Tal, Taimanov, etc.), jogou esta partida. Todo o praticante, qualquer que seja o seu nível, tem um dia em que joga como um principiante. Nem mesmo os Karpovs e Fischers escapam a esta regra.



O XADREZ E A MULHER

II — A Dama e a história da sua origem

Por DAGOBERTO L. MARKL

Na sequência do estudo sobre a mulher e o xadrez consideremos, neste segundo artigo, uma «mulher» de tipo muito especial. Chamar-lhe-íamos, de preferência, um elemento «feminino» do xadrez. Trata-se da peça denominada por Dama, em português, ou *Queen* como mais adequadamente a designam os ingleses.

O nome original desta peça desde o «chaturanga» até à versão árabe do jogo-arte era o de *fierz*. Esta expressão concordava com a organização social dos impérios orientais, nos quais, segundo a escala hierárquica das cortes, a seguir ao Rei vinha o *vizir*, espécie do 1.º ministro, por vezes todo poderoso, noutros casos mero *fac-totum* do soberano.

A introdução do xadrez na Europa vem, no entanto, provocar alterações diversas que com o decorrer dos séculos se tornam mais profundas em especial no que concerne à terminologia das peças e, em particular, a partir do séc. XV à capacidade de mobilização da Dama.

Diversas teses propõem-se resolver a questão da passagem do *fierz* a Dama (ou Rainha) sem, contudo, se ter chegado a um consenso entre os investigadores.

Introduzido o jogo pelos árabes, ou mais propriamente pelos muçulmanos da África do Norte, na Europa por volta do séc. VIII — Tarik ocupa a Península Ibérica em 711 — são necessários cerca de 300 anos para que se descubra o primeiro sintoma da modificação, exclusivamente em termos de nome, do *fierz*. O movimento manter-se-á idêntico, pelo menos até ao séc. XV, embora possamos adivinhar, já no séc. XIV, uma qualquer alteração como adiante veremos.

Assim a primeira vez em que a entidade masculina do *fierz* passa a feminina regista-se no poema «*Versus de scachis*», atribuído pelo historiador Murray ao séc. XI, e descoberto no mosteiro suíço de Einsirdeler. Nessa composição encontramos o nome «*Regina*» (Rainha) para designar a peça colocada ao lado do Rei, num reflexo, segundo admite Harry Golombek, da organização político-social dos estados alemães e de ordem hierárquica da sua nobreza.

No entanto, continua cingida ao seu limitado espaço de manobra herdado do *chaturanga*.

Supomos que a partir deste momento se terá começado a ter uma consciência, ainda que vaga, do papel importante da

Rainha, e em especial da mulher, no seu contexto social, posição bastante diversa da admitida pelos povos orientais e, sobretudo, pelo Islão.

Antes do procurarmos descobrir a razão que, admitimos, presidiu a este prematuro aparecimento da Dama, vejamos como é que a partir deste poema monástico se foi afirmando, cada vez com mais consistência, a nova designação.

Quando em 1831 se descobriu, na Ilha Lewis (Hébridas), uma caixa contendo diversas peças de origem islandesa e atribuídas ao séc. XII, a Dama já aparecia perfeitamente representada. As peças têm a forma de figuras humanas, inspiradas nos elementos constituintes de um exército (aliás de vários, porquanto de cada uma foram encontrados diversos exemplares iguais), e o *fierz* já não existe. A propósito escreve Harry Golombek: «*A Dama (Queen) é definitivamente feminina e, por isso mesmo, já não é o firz ou fierz, o vizir e conselheiro do Rei como na versão shatranj do jogo*».

Os tempos correm, datando da transição do séc. XII para o XIII uma nova referência à Dama. Vem no códice latino «*Quaedam moralibus de scaccario*» atribuído ao Papa Inocêncio III (1198-1216), atribuição esta negada por Murray que admite ser seu autor um tal Joahannes Galensis, ou John of Wales. O livro é aquilo



que se costuma designar por «moralidade» e no qual através do xadrez se vão dando conselhos de boa conduta.

Em determinado passo lê-se «*The Queen's move is aslant only, because women are so greedily that they will take nothing except by rafine and injusticen*». (O movimento de Dama é só oblíquo, porquanto as mulheres são tão ambiciosas que nada

conseguem senão através da rapina e da injustiça).

Duas conclusões se podem tirar deste trecho, primeira a sua natureza medieval e monástica atribuindo à mulher todos os malefícios deste mundo; a segunda demonstrativa de que a capacidade da peça ainda era igual à da versão original do jogo oriental.

O certo, porém, é que mau grado as palavras duras do autor a Dama cada vez se ia afirmando mais como peça valiosa do jogo, ainda que a mulher estivesse longe da sua emancipação, embora se lhe reconhecesse algo de uma força ainda por definir.

Curiosamente a sua entrada em cena com alguma preponderância é-nos transmitida pelo poema do inglês Geoffrey Chancer, datado de 1369, «*Book of the Duchesse*» (ou «*Deth of Blaunche*») escrito a propósito da morte de Branca de Lencastre, primeira mulher de John of Gaunt, e mãe de D. Filipa de Lencastre, mulher do nosso D. João I.

Chancer lamenta de tal forma a perda da Dama numa partida de xadrez (alegoria à morte da Duquesa) que somos levados a supor que ela já possuía a sua força actual, embora, por estranho que possa parecer, o poeta a designe *ferz*, o nome antigo. Uma provável liberdade poética que demonstra uma de duas coisas: ou que Chancer conhecia a história do xadrez; ou que, o mais certo, os dois termos permaneciam aplicados à mesma peça.

Adquirida a nova identidade feminina a peça só, realmente, surgirá com toda a sua mobilidade em 1497, no livro «*Repetición de Amores y Arte de Ajedrez*» da autoria de Luíz Ramirez de Lucena.

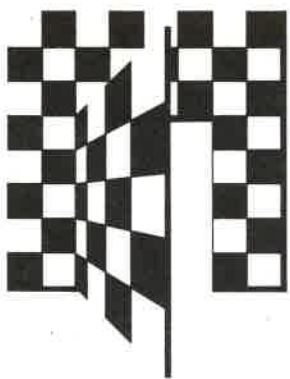
Na verdade, no plano social, em 1497 a mulher, e em particular a rainha, já adquire um poder quase idêntico ao do homem, nomeadamente em Espanha na qual reinava Isabel, a Católica.

Vejamos agora quais as explicações possíveis para a mudança do nome *fierz* em Dama. Todas elas até agora se situam em termos de reflexo de determinadas condicionantes históricas e sociais europeias assaz diversas e mesmo antagónicas em função da sociedade oriental de onde o xadrez era proveniente.

A tese, aparentemente, mais óbvia é a que defende Golombek o qual admite, com boas razões, que a metamorfose do *fierz* na Dama reflecte a organização da hierarquia nobiliárquica medieval, na qual a Rainha assumia um lugar de relevo junto do Rei.

É, sem dúvida, uma posição interessante embora possamos contestá-la em relação a certas sociedades como seja a islandesa da qual provém as peças, acima referidas, encontradas na Ilha de Lewis, cujo poder centralizado na figura masculina do Rei remetia a rainha para um plano diverso do assumido nos impérios orientais, islâmicos, mas de marcada subalternidade.

(Continua na página 58)



A CILADA NA ABERTURA

por Tomé Duarte

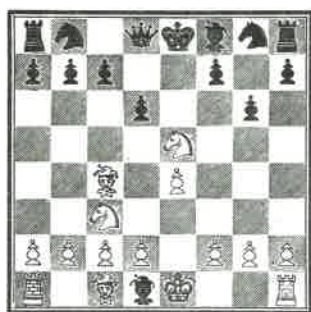
Depois de, no último artigo, termos apresentado alguns aspectos práticos dos princípios básicos das aberturas, os quais ilustram, por exemplo, o valor do domínio central e as desvantagens de iniciar uma combinação prematuramente, vamos hoje tratar um outro tema não menos importante que os anteriores, principalmente para uma camada específica de leitores que são os principiantes.

Na realidade não basta, muitas vezes, seguir na prática os conselhos dados anteriormente para que se tenha êxito nas primeiras partidas que se jogam. É necessário e fundamental que se conheçam algumas «particularidades» das aberturas, para que se não caia prematuramente numa posição desvantajosa ou mesmo (quantas vezes) perdida.. Essas «particularidades» têm em xadrez o nome de ciladas, e é sobre elas que apresentaremos alguns exemplos.

1) KERMUY DE LÉGAL - ST. BRIE

Paris 1750
Defesa Philidor

1. e4 e5 2. Cf3 d6 3. Bc4 Bg4?! 4. Cc3 g6? (o correcto era 4... Cf6. Este lance permite o chamado mate Légal; é de referir que o mesmo mate ocorre se as negras jogam, por exemplo, 4... h6) 5. Cxe5! Bxd1 (era melhor conformarem-se com a perda de um peão depois de 5... dxe5)



6. Bxf7+ Re7 7. Cd5++

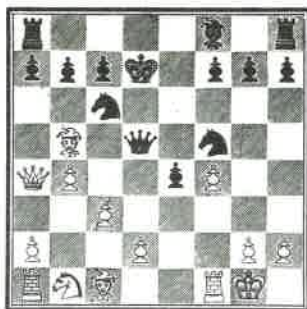
2) Um exemplo esteticamente muito bonito foi o que ocorreu numa partida jogada por LEONHARDT e um jogador não conhecido.

1. e4 e5 2. Cf3 d6 3. d4 Cd7 4. Bc4 c6 5. Cg5 Ch6 6. a4 Be7? (é necessário jogar 6... Df6, como ocorreu numa partida jogada entre o mesmo Leonhardt e Nimzowitsch em 1911) 7. Bxf7+! Cxf7 8. Ce6 Db6 (se 8... Da5+ segue-se 9. Bd2 Db6 10. a5 Dxb2 11. Bc3, ganhando a dama) 9. a5 Db4+ 10. c3 Dc4 11. Cc7+ Rd8 12. b3, e as negras perdem a dama.

3) TARTAKOVER - SCHIFFERS

Abertura Ponziani

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. c3 d5 4. Bb5 (outra possibilidade é jogar 4. Da4) dxe4 5. Cxe5 Dd5 6. Da4 Cge7 7. f4 Bd7 8. Cxd7 Rxd7 9. 0-0 Cf5! (a ameaça é Bc5+ e, se Rh1, segue-se Cg3+ seguido de Dh5++). As brancas só têm dois movimentos que impedem esta continuação, 10. d4 ou o lance que Tartakover jogou. No entanto, depois de 10. d4 exd3 e.p., a ameaça das negras continua latente) 10. b4.

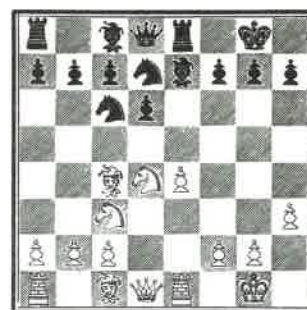


10... a5!! 11. Rh1 axb4 12. Bxc6+ bxc6 13. Dxa8 Bc5 14. Dxh8 Cg3+ 15. hxg3 Dh5++

4) HOLZHAUESN - TARRASCH

Frankfort 1912
Defesa húngara

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bc4 Be7 4. d4 exd4 (outra possibilidade é 4... d6, devendo as brancas prosseguir com 5. d5! Cb8 6. Bd3 Cf6 7. c4 0-0 8. h3 Cbd7 9. Cc3 Ce8 10. 0-0 g6 11. Bh6 Cg7 12. Dd2 com ligeira vantagem) 5. Cxd4 d6 6. 0-0 Cf6 7. Cc3 0-0 8. h3 Te8 9. Te1 Cd7?? (era preferível jogar 9... Ce5, se bem que, depois de 10. Bb3 Bd7 11. f4, as brancas tivessem uma posição mais vantajosa).

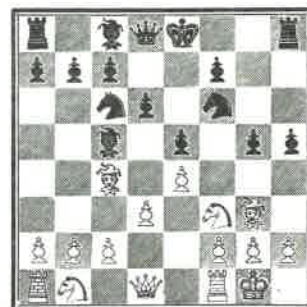


10. Bxf7+! Rxf7 11. Ce6!! e as negras abandonam, uma vez que, depois de 11... Rxe6, 12. Dd5+ seguido de Df5 leva ao mate.

5) KNORR - TSCHIGORIN

1900
Abertura italiana

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bc4 Bc5 (estes lances caracterizam a abertura italiana, também vulgarmente chamada *giuoco piano*) 4. d3 (a alternativa é 4. c4 com a ideia de jogar d4 e obter assim uma forte posição central; o lance do texto conduz a um tipo de jogo mais calmo, em que a principal preocupação das brancas é desenvolver harmoniosamente as suas peças) Cf6 5. 0-0 d6 6. Bg5 (interessante é 6. Be3 com a ideia de anular a actividade do bispo negro de c5) h6 7. Bh4?! (lance bastante duvidoso; havia que jogar 7. Bxf6 ou 7. Be3) g5 8. Bg3 h5!



9. Cxg5? h4! 10. Cxf7 hxg3! 11. Cxd8 (é necessário reconhecer os erros na abertura própria; era preciso jogar 11. Cxh8, e o triunfo das negras seria muito mais demorado) Bg4 12. Dd2 Cd4; as brancas abandonam, pois se 13. h3 Ce2+ 14. Rh1 Txh3+ 15. gxh3 Bf3++, ou se 13. Cc3 Cf3+ 14. gxf3 Bxf3 e as brancas não podem evitar o mate.

continua no próximo número

CAMPEONATO DISTRITAL DE COIMBRA

Em Coimbra terminou já o Distrital Individual com a seguinte classificação:

1.º M. Morais — 7½ pontos; 2.º M. Mourato, 3.º N. Pinto, 4.º J. Alçada — 6½; 5.º M. Ferreira — 6; 6.º L. Quaresma 7.º R. Mota, 8.º E. Reis, 9.º A. Cruz, 10.º J. Gomes — 5½; 11.º F. Aidos, 12.º A. Azul, 13.º H. Barra, 14.º R. Ralha, 15.º C. Saraiva — 5; 16.º C. Quaresma, 17.º H. Freitas, 18.º J. Costa, 19.º J. Cruz — 4½; 20.º L. Louro, 21.º F. Silva, 22.º J. Rodrigues, 23.º V. Maurício, 24.º A. Ramos, 25.º J. Santana — 4; 26.º J. Maduro, 27.º V. Rodrigues — 3½; 28.º A. Guedes — 2½; 29.º M. Silva — 2.

Lamentáveis os conflitos surgidos durante a prova, que originaram nada menos do que trinta e três faltas de comparência, um pedido de impugnação do Campeonato, um castigo ao clube que o pediu (castigo suspenso pelo Conselho Jurisdicional da F.P.X. até esclarecimento da situação), etc.

Nesta época em que todos nos queixamos dos empates de conveniência em torneios, os chamados empates de grande-mestre, a competitividade em xadrez é altamente desejável. Mas, amigos de Coimbra... exagerar não vale!...

Duas partidas dos dois primeiros classificados:

M. MOURATO - L. QUARESMA

Índia de Rei

1. d4 Cf6 2. c4 g6 3. Cc3 Bg7 4. e4 d6 5. Cf3 0-0 6. Be2 e5 7. d5 a5 8. Bg5 h6 9. Bh4 Ca6 10. Cd2 De8 11. a3 Bd7 12. Tb1 Ch7 13. b4 axb4 14. axb4 b6 15. 0-0 f5 16. f3 f4 17. Bf2 g5 18. c5 bxc5 19. Ba6 Txa6 20. Bxc5 h5 21. c6 Bc8 22. Tb8 g4 23. Rh1 De7 24. De2 Ta3 25. Tc1 gxf3 26. gxf3 Ba6 27. Txf8 Dxf8 28. De1 Bd3 29. Cdb1 Bxb1 30. Txb1 Cg5 31. Rg2 Dc8 32. Tc1 Dh3+ 33. Rh1 Cf3 0:1

J. MADURO - M. MORAIS

Espanhola

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bb5 a6 4. Ba4 Cf6 5. 0-0 d6 6. Te1 b5 7. Bb3 Be7 8. h3 0-0 9. c3 Ca5 10. Bc2 c5 11. d4 Dc7 12. Cbd2 Cc6 13. d5 Cd8 14. Cf1 Ce8 15. Cg3 g6 16. Bh6 Cg7 17. Dd2 f6 18. b4 Cf7 19. Bxc5 Dxc5 20. Be3 Dc7 21. Dd3 f5 22. Bd2 f4 23. Cf1 g5 24. a4 Bd7 25. Bb3 h5 26. axb5 axb5 27. c4 g4 28. hxg4 hxg4 29. Ch2 Db6 30. g3 Cg5 31. De2 Ch3+ 32. Rh1 Cxf2+ (tempo) 0:1

A Associação de Xadrez de Setúbal em movimento

Entrou já na sua fase final o Distrital Individual da Associação de Xadrez de Setúbal. Dada a grande extensão do distrito, decidiu a Associação realizar fases de apuramento nos diversos concelhos.

Na preliminar de Almada participaram 33 elementos, e a prova foi disputada em sistema suíço (nove jornadas), apurando os sete primeiros classificados. De registar o aparecimento de um novo grupo, o Ginásio Clube do Sul, e a ausência de dois outros clubes filiados, Associação Académica de Almada e Sport Almada e Benfica.

Foram apurados: 1.º José A. Silva — 8½ pontos; 2.º Manuel Almeida — 7½; 3.º Alvaro Fernandes — 7; 4.º Mário Afonso — 6; 5.º Américo Costa, 6.º Armando Romão, 7.º Artur Gomes — 5½.

No Barreiro participaram apenas sete elementos do Quinas Clube de Desportos, não tendo estado presente a Sociedade Filarmónica do Lavradio.

Apuraram-se os três primeiros: 1.º Fernando Rosmaninho — 5; 2.º Manuel Brito 4½; 3.º Luís Noronha — 4.

Em Corroios, concelho do Seixal, um grupo formado há apenas dois meses organizou a sua fase preliminar com nove participantes.

Foram apurados os três primeiros: 1.º Joaquim Serra — 8; 2.º João Farinha, 3.º Américo Luís — 6.

No Montijo, o Ateneu Popular inscreveu cinco elementos e apurou três: 1.º Custódio Palhais, 2.º A. Barreiro — 3; 3.º Adriano Lucas 2½.

Em Setúbal, no Centro Cultural do Entrepósito Industrial de Automóveis, participaram nove jogadores. Ficaram apurados Gilberto Viegas e João Silva.

Os dezoito jogadores que estão presentes na final disputam um sistema suíço de sete jornadas, participando o vencedor no Campeonato Nacional Absoluto.

Digna de nota a movimentação conseguida pela Associação de Setúbal: 63 xadrezistas em cinco localidades diferentes.

Outra notícia: os grupos do Montijo e de Corroios porão em breve a funcionar as suas escolas de xadrez para crianças.

Eleição dos Corpos Gerentes

Em Assembleia Geral extraordinária realizada no passado dia 24, com a presença da Associação Académica, Clube Académico, Grupo de Xadrez e Olivais Futebol Clube, todos de Coimbra, e do Ginásio Clube Figueirense, foram eleitos os seguintes Corpos Gerentes para a A.X.C.:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL — Carlos Saraiva, presidente; António Augusto da Cunha Ramos, 1.º secretário; João Costa, 2.º secretário.

DIRECÇÃO — Mário Martins Freitas Morais, Manuel da Silva, Mário Luís da Costa Mourato, Alcides Ramos, José Rodrigues.

CONSELHO FISCAL — Dr. Eugénio Monteiro, José Torres Castela da Costa.

CONSELHO TÉCNICO — Dr. Jorge Babo, Edmundo Barrué, Luís Ratinho.

CONSELHO JURISDICIONAL — Dr. António Gomes da Costa, Dr. Dias Loureiro, Horácio Luís Cordeiro Freitas Morais.

Desejamos aos novos dirigentes uma acção fácil e produtiva.

RECTIFICAÇÕES

As nossas desculpas, leitor. As «gralhas» continuaram a invadir o n.º 3 da nossa revista. Pensamos ter erradicado a «praga» neste número, cuja revisão está a cargo de dois novos cotaboradores, também jogadores de xadrez.

Vejamos as mais irritantes:

Na pág. 35, lista dos vencedores dos encontros de candidatos, a nacionalidade de Robert Fischer é U.S.A. e não U.R.S.S. (Não vão alguns leitores pensar na eventualidade de mais uma excentricidade do temperamental Bob).

Na mesma lista Miguel Tal deve ser incluído nos que se tornaram Campeões do Mundo.

Na pág. 38, na notícia sobre a inauguração do Centro de Xadrez Cavalo de Ouro, a simples falta de um traço roubou a Alvaro Pereira nada menos que seis empates arduamente conseguidos sem ver os tabuleiros. Deve ler-se: +12=6 o que, em 18 tabuleiros, implica não ter havido derrotas para o simultaneador.

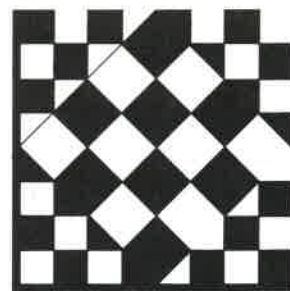
Este nosso simpático camarada de redacção foi ainda encarniçadamente perseguido no seu artigo da pág. 39: O diagrama que aparece em 1.º lugar deve ser o 3.º, subindo os outros dois. No que passa a ser primeiro, o Rei em g2 é preto. No que passa a ser segundo, o Cavalo em c7 é branco. No texto da partida Babo-Durão deve ler-se 2. Rg1 Rf8, como facilmente se depreendia.

Na legenda da fotografia da pág. 41, em seguida a M. Tal, deve ler-se: Y. Balashov, E. Geller, O. Romanishin, V. Cheshkovski, I. Dorfman e E. Sveshnikov.

Por último, na pág. 48, a equipa vencedora do Torneio das Caldas da Rainha foi o Grupo de Xadrez de Coimbra, composto por Faria de Bastos, Mário Morais, Horácio Freitas e Frederico de Almeida.

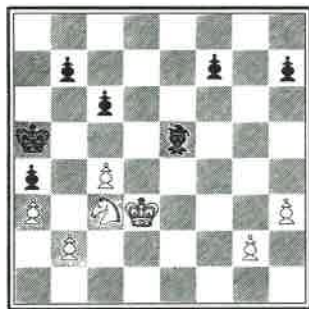
O cavalo defende-se...

Por Álvaro Pereira



Como vimos no último número, os finais de rei, bispo e peões contra rei, cavalo e o mesmo número de peões são, na maior parte das vezes, favoráveis ao bispo. Vimos aí alguns temas básicos, na maioria tácticos, que podem tornar decisiva a vantagem do bispo.

Contudo, nem o jogador que possui essa figura deve sobrevalorizar a sua superioridade, nem o que tem o cavalo deve tomar uma atitude pessimista, considerando-se automaticamente perdido. Observamos, precisamente, alguns casos em que, com alguns coices certos, o cavalo consegue a nulidade.



O primeiro diagrama corresponde à partida Bohatirchuk — Berliner, disputada nas preliminares da V Olimpíada de Xadrez por Correspondência, de 1973 a 1975.

31... b5! 32. cxb5 cxb5 33. Rc2 b4! 34. axb4+ Rxb4

As pretas conseguiram uma posição magnífica. Se, por exemplo, **35. Cd5+ Rc4! 36. Cb6+ Rb5 37. Cd5 Bd4! 38. Cf4 (38. Cc7+ Rc4 39. Ca6 Be5 e 40... Bd6, ou 39. Ce8 Be5 40. g4 h6 41. h4 Bg3 42. g5 hxg5 43. hxg5 Bf4) Rc4 39. g4 Be5! 40. Ce2 Bf6!** (impede o lance **g4-g5!** que, como veremos, é a chave da defesa, no final de peões) **41. Cf4 (41. Cc3 Bxc3! 42. bxc3 f6! 43. Rb2 — 43. h4 h6 — a3+ 44. Rxa3 Rxc3 45. Ra4 Rd4 46. Rb4 Re4 47. Rc5 Rf4 48. — Rd4 — 48. Rd6 perde por um tempo — Rg3 49. Re3 Rxh3 50. Rf3 Rh4 51. Rf4 h6! e ganha) Rd4 42. Ce2+ Re3 43. Cc3 Rf3 44. Cxa4 Rg3 45. Cc5 Rxh3 46. Ce4 Be7! 47. b4 Rxc4 ganhando facilmente.**

35. g4!!

O lance salvador, cuja ideia fundamental só se perceberá inteiramente no final dos peões. Se agora **35... f6** ou **35... h6** as brancas têm suficiente contrajogo. Por exemplo: **35... f6 36. Cd5+ Rc5 (36... Rc4 37. Cb6+) 37. Cc3 Bxc3 38. Rxc3 h6! 39. h4 Rb5 40. b4!! a3 41. Rb3 a2 42. Rxa2 Rxb4 43. Rb2 Rc4 44. Rc2**

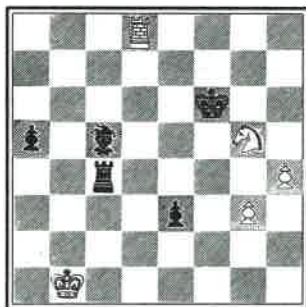
Rd4 45. g5! hxg5 46. hxg5 fxg5 47. Rd2, e as brancas empatam, porque estão dentro do quadrado e têm oposição.

35... Bxc3 36. bxc3+

O xeque ganha o tempo necessário!

36... Rc5 37. g5! Rc4 38. Rb2 Rd3 39. h4 Rc4 40. Ra3 Rxc3 41. Rxa4 Rc4 1/2:1/2

O empate é claro, porque, depois de **46... Rxh4,** segue-se **47. Rf4!**



A segunda posição, também jogada por correspondência, tem uma história curiosa. Foi disputada entre Estrin e Borissenko, a contar para o V Campeonato da URSS. Já todos os outros encontros tinham terminado e ambos os jogadores tinham o mesmo número de pontos! Por decisão do director do torneio, o final continuou a ser jogado, por telégrafo, e Estrin, ao conseguir este dramático empate, partilhou com Borissenko a medalha de ouro do campeonato.

73. Tc8! Rf5 74. Cf3 e2! 75. h5 Tc3!

A vitória devia conseguir-se com **75... Rg4! 76. Ce1 Tb4+ 77. Rc2 Bf2.** Agora, Estrin vai alcançar o empate com uma precisão digna dum final artístico.

76. Ce1 Bb4 77. Txc3 Bxc3 78. Cd3 Bd2!

Para **78... e1D+ 79. Cxe1 Bxe1** tinha o actual campeão do mundo por correspondência reservada a manobra **80. g4+ Re4!** (**80... Rxc4 81. h6 Rh5 82. h7 Bc3 83. Rc2! Bf6 84. Rb3 Rh6 85. Ra4) 81. Rc2 Rd5 82. g5 Bb4 83. Rb3 Rc6 84. h6 Bf6 85. Rc4! Rb6 86. Rd5! a4 87. Re6 a3 88. h7 Bg7 89. Rf7 a2 (89... Bh8 90. 96 a2 91. g7 a1D 92. g8D) 90. Rxc7 a1D+ 91. Rg8,** empate.

79. Rc2 Bh6 80. Ce1 Re4 81. Rc3!

As brancas precisam de manter o controlo sobre **d2.** Se **81. Rb3? Bd2! 82. Cc2 Rd3.**

81... Bg5 82. Cc2 Be3 83. g4!

Se **83. Ce1 Bf2 84. Cc2 a4 85. h6 a3 86. h7 a2 87. h8D? e1D+ 88. Rc4 Df1+! Db1+ 90. Db2 Bd4!!**

83... Bc1 84. Ce1 a4 85. Cc2 a3 86

Rb3 Rd3 87. Ce1+ Rd4 88. Cc2+ Re4 89. g5!

Mas não **89. Ce1? Bd2! 90. Cc2 Rd3 91. h6 a2!**

89... Bxc3 90. Rxa3 Bd2! 91. Rb3! Se 91. Rb2? Rd3 92. Rb3 (92. Rb1 Rc3!) Bc3 93. h6 Rd2! 94. h7 Bf6.

91... Rd3 92. h6!!

Um extraordinário sacrifício de desvio! O *ponta-de-lança* cumpre o seu trabalho até ao fim!

Se agora **92... Bc3 93. h7 Rd2 94. Ce1!** Repare-se, porém, na precisão do lance **89: se 89.h6? Bxc3 90. Rxa3 Bd2! 91. Rb3 Rd3 92. g5! Bc3!! 93. g6 Rd2 94. Ce1,** as negras ganham com **94... Rxe1 95. Rxc3 Rd1 96. g7 e1D+.**

92... Bxc3 93. Ce1+ Re3 94. Cc2+!

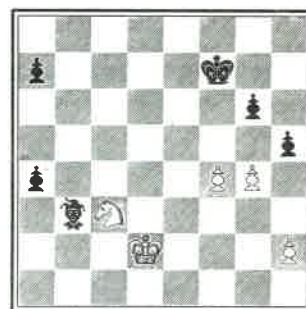
Estrin não escorrega na última casca de banana! Perdida **94. Rc3?** por **94... Bg7+! 95. Rc2 Be5 96. Rb3 Bc7! 97. Rb4 (97. Rc2 Ba5 98. Cg2+ Rf3 99. Rd3 Rf2) Bg3 98. Cc2+ Rd3 99. Rb3 Bh4! 100. Rb2 Rd2 101. Cd4 Bf6.**

94... Rd3

94... Rd2 95 Cd4 e1D 96. Cf3+.

95. Ce1+ Rd2 96. Cg2 1/2:1/2

Uma verdadeira obra-prima, não só no que foi jogado, como também nas variantes intermédias, todas elas apontadas por Estrin. O prémio para o melhor final do campeonato foi partilhado por esta partida pela vitória do mesmo Estrin sobre Golowko.



A terceira posição corresponde à partida J. Alexandre - T. Duarte.

36. gxh5 gxh5 37. Ce4 Rg6

Se **37... h4 38. Cg5+! Rg6 39. Cf3 h3 40. Cg1.**

38. h4 Rf5 39. Cg3! Rg4 40. Cxh5 Rxh5 41. Rc3 a5 42. Rb2 Rh4 43. Ra3 Rg4 44. Rb2 1/2:1/2

Os peões de torre não podem coroar, porque o bispo é de cor diferente da casa de promoção! Uma autêntica salvação *in extremis!*...

Beiriadas



Outro aspecto da visita do General Ramalho Eanes a Coimbra quando, acompanhado pelo Delegado da Direcção-Geral dos Desportos, Dr. Mendes Silva, procedia à entrega de cartões aos xadrezistas

Integradas nas Beiriadas realizaram-se nos seis Distritos das Beiras diversas manifestações xadrezísticas promovidas pela Delegação de Coimbra da Direcção-Geral de Desportos.

SIMULTANEA

A mais espectacular foi sem dúvida a simultânea do dia 11 de Junho, em Coimbra, no Parque da Cidade, com um número de participantes muito próximo dos mil, superior portanto ao do ano passado. Sem a ameaça da chuva e alguns desencontros no serviço de auto-carros ter-se-ia atingido o número, previsto como possível, de 1.200 tabuleiros.

Foram simultaneadores 40 dos melhores jogadores nacionais, de Lisboa, Porto e Coimbra.

Esta simultânea mereceu a honra da visita do Presidente da República, facto inédito na história do xadrez em Portugal a que dedicamos a capa deste número da R. P. X.

O General Ramalho Eanes dedicou largos minutos da sua estadia em Coimbra a informar-se da situação e condições do xadrez no nosso país. Estamos certos de que a aptidão educativa do nosso jogo o terá impressionado e de que poderemos contar, de futuro, com mais um defensor da sua expansão.

TORNEIO POR EQUIPAS

O Torneio por Equipas teve a participação, impressionante para o nosso meio, de 88 conjuntos de quatro jogadores, assim distribuídos:

Aveiro 24, Viseu 18, Coimbra 17, Leiria 15, Guarda 12 e Castelo Branco 2.

Em fase preliminar apurou-se o Campeão de cada Distrito.

A final realizou-se na Guarda, decisão acertada de descentralização e prémio ao labor ali realizado em prol do xadrez. Teve a seguinte classificação:

1.º Casa da Cultura da Juventude, de Castelo Branco (Vitor Reis, João José Belo, António Horta e Domingos Isabelinho)	14 pontos
2.º Centro de Xadrez da Guarda	13 »
3.º Núcleo de Xadrez de Aveiro	12,5 »
4.º Núcleo de Xadrez de Campia (Viseu)	8,5 »
5.º Casa do Pes. da Empresa de Cimentos de Leiria	6,5 »
6.º Grupo Desportivo Sourense	5,5 »

Não podemos de modo nenhum concordar com a cláusula do Regulamento desta prova que proibia a participação de jogadores filiados na F. P. X.

Embora admitindo que a razão que lhe terá estado na origem fosse louvável, — a captação de iniciados —, pensamos quão desagradável terá sido para os jovens de uma Escola, de uma Empresa ou de um Grupo, a exclusão de algum dos seus camaradas. Marginalizado como profissional em prova de amadores!

Além da descriminação. Com possível repercussão futura na acção da Federação.

(Continua na página 58)

Senhor Presidente da República

Disse V. Ex.ª há dias, quando completou um ano do mandato que o povo português lhe conferiu, que a homenagem que mais lhe agradava era o trabalho dos portugueses.

Nesta modesta revista encontrará mais do que isso: Além do trabalho, a dedicação. Dedicação que implica o sacrifício de muitos dos pequenos prazeres da vida quotidiana, quando não pecuniária, por parte da escassa dúzia de carolas que a faz, no desejo único e tímido de ser útil ao seu país.

Porque também eles viram, como V. Ex.ª viu em Coimbra, o contributo que o xadrez pode dar para o ressurgimento das qualidades que fizeram este povo grande e que todos cremos não terem morrido. Nas escolas, nas empresas, nos hospitais, nos quartéis, nos grupos recreativos, nas prisões...

(Tanto se fala em criminalidade e tão poucas ideias, originais e eficazes, se têm para a combater).

Temos por nós o Artigo 73.º da Constituição.

Dedicando a V. Ex.ª este número da R. P. X. visamos um duplo fim:

Homenagear, da maneira que lhe agrada, o Presidente da República Portuguesa e nomeá-lo defensor das prerrogativas a que nos achamos com direito.

Com humildade, respeito e firmeza pedimos-lhe, Senhor Presidente, que aceite ambas.

S. N.

XADRE NO DIA MUNDIAL



Entre as iniciativas culturais com que, em Lisboa, se comemorou o Dia Mundial do Ambiente (5 de Junho), uma houve com características que constituíram um verdadeiro espectáculo: uma partida de xadrez vivo jogada na rua, no